



MUDE
A FALA.



*Transforme
a história*

Cartilha para
substituição de
expressões racistas

**Publicação do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais
Secretaria da Corregedoria**

**MUDE
A FALA.**



Cartilha para
substituição de
expressões racistas

Novembro 2025

Este material não dá conta da amplitude e variação do vocabulário do português brasileiro, é um ponto de partida para repensar a nossa linguagem cotidiana e eliminar termos racistas de nosso vocabulário. A Corregedoria reforça o compromisso institucional com o respeito, a ética e a inclusão.

Denuncie o uso de linguagem racista e ofensiva praticada nas dependências do Tribunal.

Secretaria da Corregedoria – tel: 3348 2318 / e-mail: corregedoria@tce.mg.gov.br

Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais

Presidente

Conselheiro Durval Ângelo Andrade

Vice-Presidente

Conselheiro Agostinho Patrus

Corregedor

Conselheiro Gilberto Pinto Monteiro Diniz

Ouvidor

Conselheiro Adonias Fernandes Monteiro (em exercício)

Conselheiros Substitutos

Licurgo Joseph Mourão de Oliveira (em exercício)

Hamilton Antônio Coelho (em exercício)

Telmo de Moura Passareli

Procurador-Geral

Marcílio Barenco Corrêa de Mello

Subprocurador-Geral

Daniel de Carvalho Guimarães

Procuradores

Maria Cecília Mendes Borges

Glaydson Santo Soprani Massaria

Elke Andrade Soares de Moura

Sara Meinberg Schmidt de Andrade Duarte

Cristina Andrade Melo

Elaboração

Secretaria da Corregedoria

Conselheiro Corregedor

Gilberto Pinto Monteiro Diniz

Equipe de trabalho

Andreza Protzner Ferrari | Coordenadora

André Souza Diniz

Ismaíze Pereira de Souza

Lucas Sarsur Auad

Mônica da Cunha Rodrigues

João Pedro Adami Souza

Vanessa Luciana Leão Ferraz Lima

Design Editorial

Diretoria de Comunicação

Andréa Mesquita | Diretora

Coordenadoria de Publicidade,
Criação e Mídias Digitais

André Augusto Costa Zocrato | Coordenador

André Luiz de Oliveira Júnior

Bruna Gontijo Pellegrino

Isabela Alkmim Lomazzo

Leonardo Alves de Lima

Livia Maria Barbosa Salgado

Misael Avelino da Silva

Samuel Mendonça Pereira

Victor Piroli Pessoa

Viviane Nunes Pinto

Capa, projeto gráfico e diagramação

Vívian de Paula | Produtora Editorial



Durante o Encontro Nacional de Corregedorias, Controles Internos e Ouvidorias dos Tribunais de Contas – ENCCO 2025, do qual o TCEMG participou, foram acordados princípios, metas e compromissos que deverão nortear nossa atuação nas respectivas áreas.

A Carta Compromisso, assinada após palestras, debates e reuniões técnicas realizadas naquela ocasião, ressalta, entre outros temas, o reforço da independência das Corregedorias, normatização de procedimentos, capacitação em processos disciplinares e medidas de combate ao assédio e à discriminação.

Segundo o Regimento Interno do TCEMG, art.44, inciso II, cabe ao corregedor orientar os servidores para o fiel cumprimento de dever ou obrigação legal ou regulamentar no exercício de suas funções.

Portanto, no mês da Consciência Negra, cuja convocatória é a reflexão sobre o efeito devastador do racismo institucionalizado, a Corregedoria do TCEMG vem contribuir com medidas de prevenção e enfrentamento da discriminação racial, fomentando a reflexão crítica e o entendimento, mais aprofundado e inclusivo, sobre questões de preconceito de raça ou de cor e também de direito e de justiça social.

No Brasil, a dinâmica das relações raciais, se analisada historicamente, revela formas diversas de dominação e submissão, sendo a linguagem um dos muitos instrumentos de discriminação que se materializa de forma sistemática e perpetua a desigualdade. Daí, sabe-se que o enfrentamento do racismo requer educação emancipatória, estratégica, para a construção de sociedade democrática, justa e diversa, num processo de transformação social abrangente e totalizante.

O renomado jurista Adilson José Moreira, em seu livro *Letramento Racial: Uma Proposta de Reconstrução da Democracia Brasileira*, parte do conceito de que o letramento racial condiz com um tipo de gramática social capaz de desvelar mecanismos culturais e institucionais responsáveis por disparidades entre grupos raciais.

Neste sentido, a Corregedoria do TCEMG, em perspectiva para a construção de sociedade mais igualitária e o aprimoramento da democracia brasileira, apresenta a cartilha para substituição de expressões racistas, estruturada de forma clara, direta e acessível, a fim de garantir facilidade de compreensão e de utilização.

Bom proveito!

Conselheiro Gilberto Diniz

Corregedor

Sumário

| | | |
|---|--|-----------|
| O que falamos reproduz, muitas vezes, o sistema de discriminação racial | | Página 6 |
| Expressões racistas e sugestões para substituição | | Página 7 |
| A coisa tá preta | | Página 8 |
| Boçal | | Página 9 |
| Cabelo duro, bombril ou ruim | | Página 10 |
| Chuta que é macumba | | Página 11 |
| Coisa ou trabalho de preto | | Página 12 |
| Criado-mudo | | Página 13 |
| Crioulo | | Página 14 |
| Humor Negro | | Página 15 |
| Índio | | Página 16 |
| Inveja branca | | Página 17 |
| Lista Negra | | Página 18 |
| Nhaca | | Página 19 |
| Ovelha Negra | | Página 20 |
| Pessoa de cor | | Página 21 |
| Preto de alma branca | | Página 22 |
| Samba do Crioulo Doido | | Página 23 |
| Um pé na cozinha | | Página 24 |
| Até tenho um amigo negro | | Página 25 |
| Para adotar linguagem antirracista | | Página 26 |

O que falamos reproduz, muitas vezes, o sistema de discriminação racial.

Refleta antes de falar.

A discriminação racial é toda prática, individual ou institucional, que estabelece diferenciações no tratamento dispensado e no grau de respeito atribuído às pessoas de acordo com seu pertencimento racial. A raça, do ponto de vista social, é um conceito existente e determinante da qualidade e, essencialmente, das perspectivas de vida e morte.

São muitos e diversos os mecanismos de manifestação do racismo – a linguagem, o humor discriminatório, desvalorização da cultura, inclusive de crenças religiosas, exclusão dos âmbitos de poder em razão da raça das pessoas, entre outros –, enraizados na reprodução simbólica e material da sociedade brasileira, por isso chamado de racismo estrutural.

Se o racismo é aprendido, devemos todos aprender a ser antirracistas! Neste sentido, esta cartilha, elaborada sob o conceito de letramento racial, esclarece que a linguagem, um fenômeno social, atua como mecanismo que perpetua a desigualdade e a discriminação, refletindo as relações de poder existentes.

O objetivo é conscientizar e informar os servidores, colaboradores, estagiários e membros deste Tribunal de Contas de Minas Gerais sobre o uso de termos e expressões da língua portuguesa que têm origem ou conotação opressiva, racista, incentivando a sua substituição por expressões respeitosas e inclusivas.



Expressões racistas e sugestões para substituição

"Ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar."

Nelson Mandela



A coisa tá preta

A expressão associa a cor preta a algo ruim, desagradável, difícil, perigoso, reforça a ideia negativa da cor preta, sugerindo inferioridade e reforçando estereótipos negativos sobre a raça negra.



Alternativa

“A coisa tá difícil ou complicada”.



Boçal

Termo utilizado para designar pessoa sem cultura, sem educação, rude, grosseira. Há registros de seu significado histórico, quando foi utilizado para indicar o escravizado recém-chegado da África que não falava a língua portuguesa. Tendo conotação de inferioridade e desumanização em sua origem, o uso do termo pode reforçar estereótipos negativos sobre a raça negra.



Alternativa

“Ignorante” ou “Grosseiro”.

Cabelo duro, bombril ou ruim

O termo é usado em referência a cabelos crespos e, embora não mencione cor, seu uso reforça desprezo a características físicas geralmente presentes em pessoas negras, associando-as à ideia de ruindade e inferioridade e reforçando estereótipos negativos sobre características associadas à raça negra.

Alternativa

“Cabelos crespos” ou “Cabelos cacheados”.



Chuta que é macumba

A expressão designa o desejo de afastar algo ruim de perto de si, a vontade de se manter distante de algo que possa fazer mal. A expressão é racista e denota intolerância religiosa, porque surgiu com a prática de incitar violência simbólica e física contra as religiões de matriz africana.

Alternativa

“Pra longe de mim”, “Afaste-se disso”, “Não se importe com isso” ou “É melhor evitar”.



Coisa ou trabalho de preto

O termo é usado para descrever serviço mal feito, considerado preconceituoso, uma vez que faz associação do trabalho mal feito às pessoas negras, considerando-as incapazes e incompetentes e perpetuando preconceito que inferioriza a população negra.

Alternativa

Não há alternativa de uso.

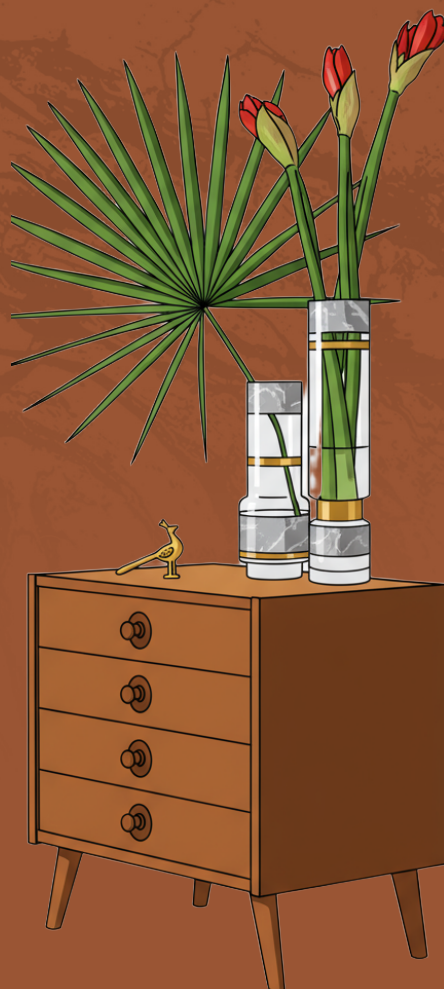


Criado-mudo

O termo carrega a memória histórica do tempo em que a escravidão era institucionalizada e os escravizados submetidos a servir nas tarefas domésticas de forma silenciosa, mudos. Embora não faça referência explícita à raça, mantém vínculo histórico com estigmatizações e preconceitos.

Alternativa

“Mesa de cabeceira”.



Crioulo

Termo pejorativo para se referir à pessoa negra, principalmente em contextos racistas, carrega carga histórica de opressão, perpetua a falsa visão do negro como subalterno, inferior.

Alternativa

“Pessoa negra”, “Afrodescendente”, “Comunidade negra”.



Humor Negro

O termo traz ideia preconceituosa, pois associa algo fora do padrão de normalidade ao termo negro, reforçando estereótipos racistas e perpetuando a ideia de que negro tem conotação ruim.

Alternativa

“Humor ácido”.



Índio

O termo é uma generalização racista que induz à ideia de selvageria criada pelos colonizadores e demonstra ignorância quanto à pluralidade e especificidades de cada povo indígena.

Alternativa

“Indígena”, “Povos Indígenas”,
“Povos originários”.



Inveja branca

O uso do termo estimula a dicotomia: tudo de ruim é associado à negritude e tudo de bom, à branquitude. Embora pareça sutil, este tipo de linguagem reforça estereótipos racistas.

Alternativa

“Admiração”.



Lista Negra

O termo foi originalmente usado para designar perseguidos políticos, especialmente opositores de governos capitalistas. Embora de origem não racial, associa o negro a algo ruim, proibido, de conotação negativa.

Alternativa

“Lista de inimigos”.



Nhaca

Termo de origem africana, especificamente do quimbundo, uma das línguas de Angola, que significava cheiro forte ou suor. Incorporada ao português, a palavra passou a ser usada de modo pejorativo, significando mau cheiro ou sujeira e associada a africanos e mais tarde a afro-brasileiros, reforçando estereótipos e preconceitos.

Alternativa

“Cheiro ruim”, “Odor forte”.



Ovelha Negra

Termo que associa a cor escura à negatividade, associando o negro a algo ruim e sugerindo que o branco representa pureza e coisas boas.

Alternativa

Não há alternativa de uso.



Pessoa de cor

Termo pejorativo que descreve qualquer pessoa que não seja considerada branca, é utilizada com a pretensão de ser delicado ao indicar a pessoa negra, o que enfatiza experiências comuns de racismo institucional.

Alternativa

“Pessoa Negra”.



Preto de alma branca

O termo significa que a pessoa, apesar de negra, carrega características positivas, às quais seriam atribuídas apenas às pessoas brancas, reforçando estereótipos racistas e desvalorizando a identidade negra.

Alternativa

Não há alternativa de uso.



Samba do Crioulo Doido

Apesar de ser título de canção satírica do autor Sérgio Porto, que ironizava o enredo obrigatório sobre a história do Brasil nos desfiles das escolas de samba na época da ditadura, carrega forte marcador racista e reafirma a discriminação aos negros.

Alternativa

“Confusão” ou “Bagunça”.



Um pé na cozinha

O termo se refere a pessoas negras de pele clara ou pardas, conforme a nomenclatura do IBGE, que possuem ascendência negra. Seu uso remete ao período colonial, associando pessoas negras ao trabalho subserviente e reforçando a exclusão social. No Brasil, muitos termos foram criados com a finalidade de diminuir a identificação das pessoas negras com sua ancestralidade como política de embranquecimento.

Alternativa

Não há alternativa de uso.



Até tenho um amigo negro

A frase sugere que a amizade com pessoa negra é excepcional, digna de menção, o que reduz as relações humanas a uma questão racial. E mais, o seu uso, com a finalidade de demonstrar que o falante não é racista, reforça estereótipos e discriminação.

Alternativa

Não há alternativa de uso.



Para adotar linguagem antirracista

Refleta

O que estou dizendo ofende ou exclui alguém?

Questione

Qual a origem dessa expressão? O que ela significa de verdade?

Ouçã

Dê atenção a quem denuncia o racismo.

Corrija com empatia

Ajude outras pessoas a também conhecerem o vocabulário antirracista.

Substitua

Sempre há uma forma antirracista, respeitosa, de se expressar.

A luta

antirracista é de todo dia!



